

O ESPAÇO DA FICÇÃO NO DISCURSO HISTÓRICO E DO VEROSSÍMIL NO DISCURSO LITERÁRIO

Grace Kelly Cândido da Silva*

* Aluna da pós-graduação em Letras, Especialização em Linguística Aplicada ao Ensino da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).

RESUMO

As relações entre o discurso literário e o discurso histórico se efetivam plenamente no campo teórico, sendo inegáveis suas ligações. Ambos os discursos tiveram sua inter-relação reforçada por correntes teóricas modernas, o Novo Romance Histórico e a Nova História Cultural, vertentes de cunho científico que se estabeleceram a partir do século XIX e intensificaram sua atuação na atualidade, estreitando os laços entre o verossímil e o fictício e reabrindo o diálogo entre Literatura e História.

Palavras Chaves: História; Literatura; Ficção; Verossimilhança;

ABSTRACT

The relationships between the literary speech and the historical speech are executed fully in the theoretical field, being undeniable your connections. Both speeches had their interrelation reinforced by modern theoretical currents, The New Historical Romance and the New Cultural History, slopes of scientific stamp that settled down starting from the century XIX and they intensified their performance at the present time, narrowing the bows between the probable and the fictitious and reopening the dialogue between Literature and History.

Main words: Literature; History; Fiction; Likelihood;

O Espaço da Ficção no Discurso Histórico e do Verossímil no Discurso Literário

Com o intuito de analisar a inter-relação Literatura-História, caminharemos pelo processo através do qual se estabeleceu esse diálogo na atualidade, consideramos que ele foi motivado pela chamada crise dos paradigmas que questionou as verdades absolutas e pela institucionalização da teoria literária que assumiu a cientificidade da Literatura perante as outras ciências.

O trabalho está estruturado em dois capítulos, no primeiro abordamos dois novos gêneros que nasceram dentro dos próprios discursos literário e histórico, respectivamente O Novo Romance Histórico e A Nova História Cultural, correntes científicas modernas contemporâneas entre si, que justificam o atual entrelaçamento interdisciplinar e explicam historicamente, como a relação da Literatura com a História se intensificou na atualidade. O Novo Romance Histórico com sua busca pelos fatos históricos reais para dar verossimilhança à sua trama, como visto em romances de cunho histórico do consagrado José de Alencar, *Iracema* (1865), *As Minas de Prata* (1862-66) e *Senhora* (1875), nos quais observamos o quanto o autor se cerca de “garantias do real”, ou seja, informações históricas para dar autenticidade ao seu texto. Analisamos mais especificamente o Romance *Iracema* (1865) na tentativa de perceber como lida o romancista com esse chamado diálogo entre Literatura e História. A Nova História Cultural por sua vez, representa uma abertura teórica e metodológica da História, que nesse contexto deixa de se responsabilizar pela “verdade” e passa a se considerar apenas uma versão do acontecido, abrindo caminho para o diálogo com outras formas de captar o real, como a Literatura, e até utilizando-a como fonte documental.

No segundo capítulo apresentamos as concepções de ficcionalidade e verossimilhança presentes em ambos os discursos, observando que o texto literário enquanto fictício não deixa de se cercar de estratégias de veracidade para dar vida e verossimilhança, talvez mesmo autenticidade ao texto, (principalmente em se tratando do Romance Histórico) apresentando a maneira como o texto literário mesmo classificado como texto ficcional, cerca-se do verossímil para ganhar credibilidade. Já o texto histórico busca produzir uma versão convincente do passado e o mais próxima possível do acontecido, entretanto não se pode afirmar que ele seja mimese do real, pois há sempre um narrador que ordena os acontecimentos, característica que comporta ficção a partir da aceção de escolha,

seleção, recorte e montagem na construção do passado, visto que o texto histórico mesmo com o estatuto de que representa a “verdade” do acontecido é permeado por traços de ficcionalidade na construção de seu discurso.

Abrir diálogo entre Literatura e História subentende investigar de que forma as duas escritas podem se cruzar. Alguns historiadores vêem Literatura e História como discursos aparentados, pensadores dessa linha sublinham o caráter fictício das reconstruções históricas e contestam a pretensão da História a um lugar entre as ciências. Avançam ao ponto de quase indiferenciar o historiador do romancista, observando que o historiador difere apenas na sua imaginação que pretende ser verdadeira. Foucault (1926-1984) em *As Palavras e as Coisas* (1999), fala da impossibilidade da captura do real através da palavra. A “verdade” de um evento não existe em si, porque todas as interpretações já são criações e as identidades são produzidas através da prática textual.

As relações entre Literatura e História mostram que os fatos ficcionais possuem plausibilidade histórica e os fatos históricos carregam marcas ficcionais, entretanto, Literatura e História não perdem suas características fundamentais, isto é, não há anulação total do documento ou do ficcional, nem uma total mistura dos dois.

É importante saber que não será pela presença da História que o romance perderá seu estatuto de ficção, ao contrário, a imaginação se nutre do real recontextualizando os acontecimentos e atribuindo-lhe novos significados. Da mesma forma, o imaginário não constitui barreira à narrativa histórica, nem ela se anula com a “intromissão” daquele. A Literatura também pertence à categoria do discurso baseado no real, todavia é a escrita, presente em ambos, que dá significado aos eventos. Os acontecimentos são reais não porque aconteceram, mas porque são lembrados e representados através da narrativa. Lembrando Leenhardt e Pesavento (1988:44): “Enquanto ficção, tanto a narrativa literária quanto a histórica pressupõe uma ordenação do real e a busca da coerência, através de uma correlação de elementos e do estabelecimento de relação entre dados”.

Aqui vale lembrar, uma das “novas” formas de registro da História denominada História Oral vertente que focaliza a memória pessoal dos indivíduos, construindo uma visão mais concreta da dinâmica do funcionamento e de várias etapas da trajetória dos grupos sociais. Muitas dessas memórias são chamadas de subterrâneas porque ficam à margem da História considerada oficial. A História Oral registra as experiências vividas pelos informantes em fitas magnéticas de áudio ou vídeo, essas experiências são o

instrumento fundamental para compreensão do passado recente. Esse método possibilita que os indivíduos pertencentes a categorias sociais geralmente excluídas da História possam ser ouvidos – deixando registradas para análises futuras sua própria visão de mundo. Além disso, a História Oral apresenta um caráter novo e envolvente, porque pressupõe uma parceria entre informante e pesquisador, construída ao longo do processo de pesquisa, que resulta numa imagem do passado muito mais abrangente e dinâmica.

No campo literário temos como mais um fator de relacionamento entre Literatura e História, a chamada História da Literatura, que nasce juntamente com a institucionalização da teoria literária no século XX. A História da Literatura, segundo Bosi (1994) pode ser entendida em dois planos: o da progressão temporal do cultivo da língua com fins estéticos e culturais, que a teoria da História da Literatura designa por evolução literária; e o da consideração do modo de encarar essa progressão através das perspectivas críticas e metodológicas que a condicionam. A História da Literatura estuda os movimentos, artistas e obras de determinada época, com características gerais do estilo e temáticas comuns à sua sucessão ao longo do tempo, podendo até ser chamada historiografia literária. No Brasil, os primeiros registros da Literatura precederam à independência. Em função da expansão da imprensa aumentou a produção literária escrita em língua vernácula, nesse período também se consolidou a escola e o ensino. A esses fatos somou-se a ascensão da burguesia que colocou a Literatura e a leitura em lugar de destaque, a disseminação do capitalismo que tinha na industrialização do livro uma de suas expressões e a formação dos Estados Nacionais que buscaram na Língua e na Literatura a corporificação da identidade nacional. A História da Literatura Brasileira também serviu para classificar e divulgar a Literatura Nacional. Segundo Antônio Candido (1959:181), a Literatura Brasileira pode ser dividida em três períodos:

(...) em primeiro lugar a era das manifestações literárias, que vai do século XVI até meados do século XVII, um segundo instante é a era da configuração do sistema literário, da primeira metade do século XVIII até a segunda metade do século XIX, e por fim a era do sistema literário consolidado, da segunda metade do século XIX até nossos dias.

Assim cada vez mais, a narrativa contemporânea torna-se interdisciplinar caminhando para um “entrelaçamento” único, trazendo à tona a responsabilidade do professor de Literatura em identificar a verossimilhança do texto literário e fazer o paralelo coerente com a realidade histórica que se buscou alcançar através da ficção.

O texto histórico comporta a ficção desde que o tomemos na sua acepção de escolha,

seleção, recorte e montagem; atividades que se articulam à capacidade de imaginação criadora de construir o passado e re-apresentá-lo. Há, e sempre houve um processo de “invenção” na História, esse processo diz respeito à construção de conteúdo, o que, contudo, não implica dizer que esse processo de criação seja de uma liberdade absoluta. José Saramago (1990:19) corrobora dizendo:

(...) parece legítimo dizer que a História se apresenta como parenta próxima da ficção, dado que, ao refazer o referencial, procede a omissões, portanto a modificações, estabelecendo assim com os acontecimentos relações que são novas na medida em que incompletas se estabeleceram. É interessante verificar que certas escolas históricas recentes sentiram como que uma espécie de inquietação sobre a legitimidade da História tal qual vinha sendo feita (...).

A ficção na História é controlada pelas estratégias de argumentação, a retórica, e pelos rigores do método – testagem, comparação e cruzamento, na sua busca de reconstruir uma temporalidade que se passou por fora da experiência do vivido. Sua versão do passado, hipoteticamente, pode comprovar-se e ser submetida à testagem, pela exibição das fontes. O texto deve convencer o público leitor, o uso dos conceitos e a construção de argumentos devem ser aceitos. Segundo Paul Veyne (1982:37): “A História é um romance verdadeiro”. Verdadeiro porque aconteceu, mas romance porque o historiador explica o como. Assim, ao escolher os fatos que merecerão destaque na construção de suas “tramas”, o historiador não deixa de “inventar” à sua maneira, ou seja, atendendo a certos limites, o que Pesavento chama de “ficção controlada”, visto que a História aspira ter, em sua relação de “representância” com o real, um nível de verdade possível. Se não mais aquela verdade inquestionável, única e duradoura, um regime de verdade que se apóie num desejável e íntimo nível de aproximação com o real.

Para tanto, percebemos que essa História-ficção controlada é ainda submetida às estratégias argumentativas e aos rigores do método, que cercam, testam, comparam e cruzam o objeto e os documentos escolhidos no maior número de relações e comparação possíveis.

E em se tratando do documento, a rigor, o historiador tem o mundo a sua disposição. Tudo para ele pode se converter em fonte basta que ele tenha um tema e uma pergunta, formulada a partir de conceitos, que problematizam esse tema e o constrói como objeto.

É a partir daí que ele enxergará, descobrirá, coletará documentos, amalhando indícios para a decifração de um problema. Cabe ao historiador, a partir de tais elementos, explicar *o como* daquele ocorrido, “inventando” o passado.

Mas se ele “inventa” o passado esta é uma ficção, ou como diria Pesavento, uma ficção controlada, pois a tarefa do historiador lhe prende ao âmbito do arquivo, ao trato com as fontes, há um condicionamento a esta liberdade ficcional imposta pelo compromisso do historiador com relação ao seu ofício. O historiador quer e se empenha em atingir o real acontecido, uma verdade possível aproximada do real tanto quanto lhe for permitido. Esta é a sua meta, a razão de seu trabalho, e este desejo de verdade impõe limites á criação.

A Literatura não tem compromisso com o resgate das marcas de veracidade que funcionam como provas de que algo deva ter existido. Mas, em princípio, o texto literário precisa ser convincente e articulado, estabelecendo uma coerência e dando impressão de verdade. Escritores de ficção também contextualizam seus personagens, ambientes e acontecimentos para que recebam aval do público leitor. Como afirma Ginzburg (2001:55):

(...) a poesia - ou literatura - constitui uma realidade que é verdadeira para todos os efeitos, mas não no sentido literal, estabelecendo um mundo verdadeiro onde as coisas são de mentira, sendo que o falso é o não verdadeiro, mas o fictício é verossímil.

A Literatura é a narrativa que, de modo ancestral, pelo mito, pela poesia ou pela prosa romanesca fala do mundo de forma direta e indireta, metafórica e alegórica, sem, contudo, perder o “efeito do real”.

O mundo da ficção literária dá acesso às sensibilidades e às formas de ver a realidade de um outro tempo, fornecendo traços e pistas daquilo que poderia ter acontecido no passado. O texto literário resgata possibilidades verossímeis que expressam como as pessoas agiam, pensavam o que temiam, o que desejavam. Portanto, a idéia de o texto literário enquanto texto ficcional ser plenamente imaginativo e fantasioso, é exagerada, visto que o texto literário revela e insinua verdades através de fatos criados pela ficção. Nicolau Sewcenco (1985:20) explica: “A Literatura é um produto artístico destinado a agradar e comover, mas como se pode imaginar uma árvore sem raízes”.

A verdade da ficção literária não está, pois, em revelar a existência real dos

personagens e fatos narrados, mas em possibilitar a leitura das questões em jogo numa temporalidade dada. Tais fatos narrados não se apresentam como dados acontecidos, mas como possibilidades, como posturas de comportamento e sensibilidades, dotadas de credibilidade e significância. Para Pesavento (1998:14): “A Literatura registra a vida. Literatura é, sobretudo, impressão de vida. Captura a energia vital, a *energheia* presente no passado, na raiz da explicação de seus atos e da sua forma de qualificar o mundo”.

Os personagens, apesar de retirados da imaginação do escritor, possuem total dimensão social, há personagens, grupos e classes, retratados na ficção, cuja vida, numa ordem lírica, épica ou trágica, se torna cabalmente representativa da situação social que a determina, os conflitos subjacentes à trama social aí aparecem nitidamente, quer sob um aspecto positivo, construidor, quer sob um aspecto negativo, de posição crítica e condenadora da ordem social considerada injusta. Como quer que seja, nem a Literatura é apenas um produto da sociedade, nem a sociedade está ausente da criação literária. As obras literárias sentem, elaboram e expressam seus momentos do presente tanto do autor como de sua relação social. Em Foucault, especificamente em *O que é Um Autor?* – estabelece-se possibilidades de crítica à defesa de uma rígida estrutura que a teoria literária consagrou de tempos em tempos na literatura, bem como seus cânones, escolas, vanguardas e categorias literárias, salientando ainda que o autor age como princípio de agrupamento do discurso, como unidade e origem de significações, como foco de coerência. Para Foucault (1999:121): “O autor é aquele que dá a inquietante linguagem da ficção, suas unidades, seus nós de coerência, sua inserção no real”.

E em se tratando da análise do discurso em Foucault, especificamente das relações discursivas entre Literatura e História, o sistema educacional é o espaço onde os indivíduos têm acesso a muitos discursos, é a maneira política de manter ou modificar a apropriação dos discursos com os *saberes* e os *poderes* que eles trazem consigo. Entretanto, o pensamento ocidental tomou cuidado para que o discurso ocupasse o menor lugar possível entre o pensamento e a palavra, e o entrecruzamento dos discursos ganhou ainda menos espaço, nesse caso o discurso aparece apenas como certo suporte entre pensar e falar, seria um pensamento revestido de seus signos, tornado visível pela palavra, quando na verdade os discursos seriam as estruturas mesmas da língua postas em jogo e produzindo um efeito de sentido. Entretanto, não é nossa intenção aprofundar essa discussão, visto que não interessa diretamente aos objetivos do nosso trabalho.

Desse modo, os textos literários são portadores de um discurso que possui e busca legitimação, dotado de representação, sendo plenamente possível perceber e interpretar uma dimensão de verdade, intrínseca em cada texto literário.

O diálogo entre Literatura e História acontece plenamente e nem é preciso ser um estudioso de uma dessas áreas para percebê-lo. Essa relação que existe desde a antiguidade foi ameaçada pela tentativa do cientificismo do século XIX de separar esses discursos, entretanto na atualidade ele se intensificou ainda mais reforçado pelo Novo Romance Histórico, a Nova História Cultural e pelas diversas relações entre o verossímil e o fictício presente no texto literário e no texto histórico. Apesar de ser comprovado teoricamente, esse diálogo tem encontrado barreiras para se efetivar na prática e a sala de aula, que deveria ser o espaço de execução desse diálogo interdisciplinar, tem sido o lugar onde ele menos se efetiva.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Capistrano de. **Capítulos da Historia Colonial**. 6ºed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/INL, 1976.

ALENCAR, José de. **Iracema**. 3º edição. Rio de Janeiro: Editora Ática, 2004.

_____ **Iracema**. 4º ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 1957.

_____ **As Minas de Prata**. Rio de Janeiro: Editora Ática, 2001.

_____ **Senhora**. Rio de Janeiro: Editora Ática, 1999.

ARISTÒTELES, A. **A Poética Clássica**. Trad. Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix, 1997.

BACZCO, Bronislaw. **Les imaginaires sociaux**. Paris: Payot, 1984. Apud PESAVENTO, Sandra Jathay. **Os Desafios Teóricos da História e da Literatura**. Revista da ANPUH, nº 2, ano 1, 1995.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 33º ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1994.

CANDIDO, Antônio. **Formação da Literatura Brasileira: Momentos decisivos**. São Paulo: Martins, 1959.

FERREIRA, Antônio Celso. **Um Eldorado Errante – São Paulo na Ficção Histórica de Oswald de Andrade**. São Paulo: Ed. UNESP, 1996.

FOUCAULT, Michel. **O Que é um Autor?** Lisboa: Passagens, 1992.

_____ **As Palavras e as Coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____ **A Ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1995.

GINZBURG, Carlo. **Olhos de Madeira. Novas Reflexões sobre a distância**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

HUTCHEON, Linda. **Poética do Pós-modernismo: História, Teoria e Ficção**. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

LEMINSKI, Paulo. **Catatau** (prosa experimental). Curitiba: Ed. Do autor, 1999.

MENTON, S. *A Nova Novela Histórica da América Latina*. México: FCE, 1993.

ORTIZ, Renato. “**O guarani: um mito de fundação da brasilidade**”. In: *Ciência e Cultura*, nº40, 1988.

PAUL, Veyne. **Como se Escreve a História: Foucault Revoluciona a História**. Trad. Alda Baltar e Maria A. Keneipp. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982.

PEIXOTO, Afrânio. “**Nota da Editora**”, In: Alencar, José de. 4ªed., Rio de Janeiro: José Olympio, 1957.

PESAVENTO, Sandra Jathay. **História e Literatura: Uma Velha-nova História**. São Paulo: Revista da ANPUH, 1995.

_____ **História, Fronteiras da Ficção. Associação Nacional de História**. São Paulo: Humanitas/USP, 1999.

PROST, Antonie. “**Historie, Verités, Méthodes: Des Structures Argumentatives da P’histoire**”. Trad. Débora Paris, 1996.

ROMERO, Sílvio. **História da Literatura Brasileira**. Aracajú, SE: Universidade Federal de Sergipe, 2001.

SARAMAGO, José. “**História e Ficção**” In: *Jornal de Letras, Artes e Idéias*. Lisboa: s/e, 1990.

SOUZA, Márcio. **Galvez. O Imperador do Acre**. São Paulo: Editora Marco Zero, 1985.

